

LUCAS TURINO

ESTE LADO  
PARA CIMA

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2023*

## CAPÍTULO UM

— Ei irmãozinho! Você vai terminar esse cigarro?

Olhei para o lado e vi um homem sem braços sentado, encostado na entrada de um beco. O fedor era revoltante, seus cabelos e barba estavam duros e amassados deixando evidente que o seu pente era o chão, no qual provavelmente dormira até aquele momento.

Estiquei meu braço e coloquei o cigarro na boca da figura, que era uma representação exata de toda a realidade de Taribé. Sem me agradecer arregalou os olhos constatando que estava com o cigarro nos lábios e começou a tragar tão rápido que, mesmo engasgando e tossindo, ele não parava de puxar e soltar; parecia que seus tumores estavam sedentos por mais um sopro de fumaça.

— Isso não ajuda ele, você sabe né? — disse o Raty, meu parceiro de Villa de dois metros e meio.

— Eu não ligo se ajuda ou não. Ele me pediu e era isso que eu podia fazer.

Caminhamos até o fundo do beco onde havia caçambas cheias de restos podres de comidas, entulhos e coisas que estiveram vivas há alguns dias. No chão, além do caldo negro

que escorria das caçambas, tinha bitucas de cigarro, camisa e um liquido que, pelo vapor subindo, eu diria que era urina fresca.

— Vamos acabar com isso de uma vez e voltar pra onde é possível respirar um pouco melhor — eu disse batendo numa porta de metal corroída pela ferrugem.

— Até o seu cigarro cheira melhor que esse lugar.

Bati na porta com mais força e como não tivemos resposta, eu só apontei para a porta e dei dois passos para trás. O Raty avançou o pé esquerdo na direção da porta enquanto cerrava o punho da mão direita; com um soco, que mais lembrava o tiro de um canhão, arrancou a porta e todos os tijolos que a emolduravam.

— Nossa que exagero!

— Não era isso que você queria?

— Bem... podia ter sido menos barulhento, mas... — eu disse já atravessando o buraco novo na parede. Quando passei pela nuvem de poeira que subira com a queda da porta fui recepcionado por uns dez ou onze homens pequenos, mas robustos, armados com Ak-47, prontos para defender a “fortaleza” deles. — Wow, olha só isso. Antiguidades! Isso deveria estar em um museu sabia?

Começaram a gritar em um idioma que eu não tinha ideia de qual era. Um falava, outro respondia, e eu só esperei. Até que ficaram quietos e pude tentar me comunicar:

— S e n h o r V a z ? O n d e e s t á ? — os homenzinhos se olharam entre si e voltaram a me encarar. — Quero falar com o Batô de vocês... O C h e f e d e s t a V i l l a — continuaram sem reação. — Cacete! deixa que eu mesmo encontro ele e

fal... — todos deram um passo na minha direção fechando mais a meia lua que formavam ao meu redor e começaram, mais uma vez, a gritar coisas que para mim não faziam o menor sentido.

Eu já estava prestes a perder minha paciência com aquele lugar, quando uma voz grossa e alta veio da escuridão de trás dos homens, como uma ordem que os fez congelar e voltarem a mirar em mim como estatuas.

— O que você quer aqui? É a minha casa que você está invadindo.

— Eu vim lhe fazer um convite — me direcionei à escuridão, sem saber exatamente para onde olhar.

O Batô dos Quiráz era conhecido na cidade toda, mas muito pouca gente já o vira pessoalmente, uma porque ele não sai muito e outra porque ninguém queria realmente se encontrar com ele. Quando quer se reunir com alguém é ele que vai ao encontro da pessoa e não o contrário.

— Não se traz um aríete para um convite. É esse tipo de mensagem que você veio passar? — ouvi um barulho de arrastar coisas pesadas onde a luz não chegava e comecei a pensar se havia sido boa ideia vir convidar esse clã por primeiro.

— Eu sei a mensagem que a presença do meu amigo passa, por isso, enquanto nós conversamos civilizadamente aqui dentro, ele está esperando do lado de fora.

— E você acha que isso foi uma boa ideia, garoto magrinho? — pude sentir o sorriso largo se formando no rosto de quem dizia essas palavras.

Sem pressa e sem me abalar com esse tipo de “joguinho de ameaça”, olhei para a escuridão a minha frente por cima da cabeça dos homens que continuavam a mirar suas metralhadoras em mim e dei um suspiro. Peguei um cigarro, acendi e dei uma tragada antes de responder.

— Tudo bem! Eu sei, que você sabe para quem eu trabalho; e eu sei que vocês todos aqui já sabiam quem nós éramos quando resolveram não abrir a porta; e a cidade inteira sabe que esse lugar está aqui, porque o Lorde permite. Então não me trate como um Batô de Villa que veio roubar o comércio que é realizado aqui, com seus escravos em miniatura nesse galpão fedido e escuro, onde não é possível andar sem enfiar a cara na terra, como toupeiras sem cérebro que cavam... — Senti um tremor no chão que aumentava conforme eu falava, como se a terra estivesse ficando com raiva.

— JÁ BASTA! — tudo silenciou. Eu quase conseguia escutar o som dos insetos se movendo, afinal eles eram os únicos que não haviam congelados como estátuas com a ordem do Vaz.

Uma luz se acendeu e tudo parou.

Pude ver então um galpão alto e bem espaçoso com janelas a uma altura que marcaria o segundo andar de um prédio e no chão: terra, muita terra. Havia pequenas montanhas e túneis, com pessoas entrando e saindo com sacos e mais sacos enquanto desviavam de trilhos. Eles se conectam com toda a cidade através de galerias subterrâneas, utilizando uma espécie de metrô elétrico muito rápido e muito forte, que havia sido construída sob a cidade depois de toda destruição das grandes explosões e que, por existirem abaixo da

superfície, o mundo foi esquecendo essa possibilidade, um pouco por medo de descer e encontrar uma violência maior do que nas ruas, e muito porque com a ascensão de quem possui mais poder e dinheiro a lugares mais altos, as pessoas não queriam estar abaixo de mais ninguém. O domínio dos trilhos elétricos fez com que o comércio desse povo se expandisse mais do que o de qualquer outro. A extração e venda de minérios são monopolizados pelos Quiráz, não só porque o Vaz elimina qualquer concorrência na tentativa de mineração dessa cidade (trazendo o concorrente para a sua Villa ou simplesmente enterrando o novo minerador), mas porque ele tem o controle do transporte que se espalha por toda a Taribé. Hoje quem tem a melhor aplicação de metais tem mais poder e, mesmo que os Quiráz não sejam os melhores em utilizar os metais que escavam, são eles que podem entregar, ou não, esse minério para as pessoas.

O galpão, que lembrava vagamente o interior de um hangar, não chegava a feder, o que era de se admirar, porque o número de pessoas que estava trabalhando e suando dentro daquele lugar era impressionante, o cheiro que caracterizava aquela gente era o cheiro de terra grossa e pesada.

Enquanto tudo estava parado naquele lugar, o meu cigarro de olíbano criou uma nevoa ao meu redor. O ar era estagnado e carregado, fazendo com que a minha fumaça não se dissipasse, nem o buraco na parede que o Raty tinha aberto era capaz de fazer circular algum ar.

Do meio dos montes de terras e túneis veio caminhando em minha direção um homem sem camisa e mais baixo que eu, mas com músculos grandes e definidos. Pude ver que a

sua mão e o antebraço esquerdo haviam sido substituídos por uma perfuratriz em espiral e o braço e ombro, feitos completamente de metal articulado, haviam sido reforçados, provavelmente para aguentar o impacto de realizar uma escavação com o próprio corpo, e essa não era a única modificação corporal de aprimoramento humano que ele tinha. Não era visível, já que ele estava de calças largas, mas pela forma que o tecido marcava suas pernas, eu podia deduzir um implante mecânico que provavelmente é usado para fortalecer a base de uma escavadeira humana.

Com passos pesados, chegou atrás dos homens que seguravam as armas e olhou pra mim. Quando viu meus braços de metal, bufou e entendeu de quem era o convite que eu estava trazendo. É possível que até aquele momento ele realmente não soubesse quem eu era.

— Abaixem suas armas! Não vão servir pra nada contra esses putos... e vão concertar aquela porta, nós não podemos ficar expostos assim. Já você, Pajo — disse se virando na minha direção depois de ter dado as ordens aos seus homens. — Pode sair por onde você entrou.

— Vaz, eu vim chamar vocês para fortalecer o ata...

— Eu não quero — me interrompeu o Vaz. — Nós não queremos nada de vocês. E já disse: volte para o escritório de onde vocês saíram.

— Você não me ouviu ainda — continuei sem perder a calma. — É um plano para todas as Villas, quando nós... — e mais uma vez fui interrompido.

— O Lorde é o único Batô de Villa que não faz negócios comigo. Eu não devo nada a ele, e não quero ter nada com

alguém que olha todos nós de cima como se fosse melhor que a gente — Abri a boca para falar, mas ele nem me deixou começar. — Eu sei do poder que ele tem, eu sei como vocês conseguiram o domínio de Urai, mas aqui quem manda sou eu. Eu não tenho medo de morrer e o povo que vive sob a minha proteção também não tem.

— Ficaremos mais ricos.

— Não preciso de mais. E essa conversa acabou, saia por onde você entrou antes que meus homens terminem de fechar aquela “porta”, ou seus membros vão virar sucata e serão vendidos como o resto do ferro que nós temos aqui — ele terminou a frase e ficou parado olhando para mim sem dizer mais nada.

Dei uma última tragada no cigarro e apertei o que sobrara na minha mão até que ele se desfizesse. Abaixei minha cabeça para ver o que restou e dei um leve sorriso, porque eu sabia que ele mudaria de ideia quando chegasse a hora.

— Você sabe onde nos encontrar se mudar de ideia. Sempre estaremos abertos a parcerias — olhei pra ele quando terminei de falar e percebi que ele notara meu sorriso.

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, virei de costas e saí pela porta que já estava quase fechada. O Raty estava a dois passos da porta com os pés afastados, os braços esticados ao lado do corpo e os punhos fechados (esperando um sinal meu para atacar e acabar com tudo naquele lugar). Quando me viu, relaxou, esticou o corpo e piscou os olhos como que desviando a mira de um alvo.

— E aí? Vitória?



— Se ele aceitasse nessa primeira investida eu ficaria muito surpreso.

— Você já sabia que não daria certo? Para que viemos então?

— Paciência. Viemos alimentar o ego dele. Mostrar que sabemos o quanto ele é importante e que ele é a base de Taribé.

— Se você diz...

Estávamos quase saindo do beco e voltando para a rua quando ouvimos ao longe o barulho do caminhão da higienização. Já a muito tempo, vários caminhões robôs circulam pelas ruas da cidade recolhendo todo lixo que encontram. São caminhões de lixo normal, a novidade aqui são as máquinas que ficam junto com eles e pegam tudo que estiver jogado na rua ou na calçada, e é aí que se encontra o problema. Quem programou esses robôs coletores foram pessoas que não moram aqui, pessoas que comandam grandes corporações e vivem em suas mansões altas e coloridas acima da nuvem permanente de poeira e poluição que paira sobre Taribé, pessoas que vivem em uma realidade completamente diferente, que tem acesso a luz do sol e a noites estreladas. Para essa gente tudo que está abaixo da nuvem de lixo é lixo. Eles nunca descem de suas construções monumentais, quando é necessário transitar pela cidade de cima, pegam seus veículos com propulsão de precisão e se deslocam para onde querem, sem nunca pensar em descer onde a cidade tem que resistir para sobreviver mais um dia. Alguns não devem ter nem consciência da realidade abaixo deles; abaixo da sujeira que eles produzem. E para acabar com o lixo daqui, colocaram caminhões de higienização para limpar as ruas.

LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Utopia Std pela  
Editora Penalux e impresso em papel off-  
white 80 g/m<sup>2</sup>, em fevereiro de 2023.

---